

# **RECICLAGEM DO LIXO URBANO: NOVA FORMA DE REPRODUÇÃO DO CAPITAL UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA DA RECICLAGEM NO ENTORNO DO ATERRO METROPOLITANO DE JARDIM GRAMACHO<sup>1</sup>**

**Aluno: Gisele Cardoso de Almeida**

**Orientador: Regina Célia de Mattos**

## **Introdução**

O desenvolvimento das sociedades contemporâneas é medido pela sua capacidade de consumo, quanto mais uma sociedade pode consumir mais desenvolvida ela é. Esta cultura do consumo criada através do marketing, do *feitichismo* da mercadoria, e, principalmente, da necessidade de expansão das grandes empresas, tem gerado nas cidades toneladas de lixo<sup>2</sup> por dia.

O conteúdo do lixo urbano, nos últimos 40 anos, mudou muito. Produziu-se uma variedade de embalagens plásticas, latas de alumínio, papéis e vidros. Isto vem se tornando um grande transtorno para as cidades. Onde depositar tal quantidade de lixo? Como descartá-lo sem prejudicar o meio ambiente? O que fazer, principalmente, com enorme quantidade de embalagens plásticas? Estas são algumas das perguntas que técnicos e administradores têm se defrontado atualmente.

A alternativa encontrada, e muito estimulada pelas grandes empresas capitalistas que fabricam embalagens, tem sido a reciclagem. Esta é uma atividade antiga, mas, nos últimos anos, tem se desenvolvido muito. A reciclagem é considerada por técnicos, engenheiros ambientais, administradores públicos e líderes de movimentos ambientais como a solução definitiva para as milhões de toneladas de lixo urbano produzidas na cidade.

No entanto, quem realmente tem lucrado com a reciclagem: os catadores de lixo ou as indústrias? A reciclagem do lixo urbano é mesmo uma alternativa para os problemas ambientais, ou apenas, mais uma nova forma de reprodução do capital? De que forma as indústrias de reciclagem interferem e organizam, espacialmente, a comercialização do material reciclável?

Neste artigo analisaremos o desenvolvimento da cadeia produtiva da reciclagem no entorno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, localizado no município de Duque de Caxias na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Desde a instalação do aterro até os dias atuais é assustador o aumento das atividades com material reciclável. Como resultado percebemos um avançado processo de deterioração das condições de vida de quem vive próximo ao aterro. Interessamos analisar as relações entre os agentes que atuam no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho – catadores e intermediários –, pois são os principais modeladores da forma de organização espacial da reciclagem e de comercialização do material reciclável. Buscamos, também, compreender essa contradição capitalista que é, entre quem cata e quem lucra com a reciclagem.

## **Objetivo**

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte de um trabalho maior e mais completo de conclusão de curso.

<sup>2</sup> Neste artigo utilizaremos a definição de lixo encontrada no Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos. “Neste Manual, resíduo sólido ou simplesmente “lixo” é todo material sólido ou semi-sólido indesejável e que necessita ser removido por ter sido considerado inútil por quem o descarta, em qualquer recipiente destinado a este ato.” (Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos, 2001, 25)

O objetivo, deste artigo, é analisar como a reciclagem do lixo urbano, pertencente à noção de desenvolvimento sustentável, é mais uma forma de acumulação de capital criada pela grande empresa capitalista para ultrapassar os obstáculos criados pelas formas capitalistas de produção, a produtividade e a acumulação de capital.

As indústrias de reciclagem, nos últimos anos, têm crescido e o lixo urbano reciclável tem tido grande valor de mercado. Acreditamos ser esse um dos motivos que explicam o crescimento da atividade de catação de material reciclável no Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho e as transformações espaciais ocorridas no bairro desde sua instalação.

Daremos especial atenção aos depósitos e a forma que eles organizam espacialmente o entorno do aterro e a catação, aos catadores e a forma que estes são explorados, e a atuação indireta, mas definitiva, das indústrias de recicláveis.

## **Metodologia**

O trabalho se encontra em fase de leitura e redação final para monografia. Os trabalhos de campo foram cruciais para a compreensão da dinâmica do entorno do aterro e do papel que cada agente tem neste processo.

## **A questão ambiental e o modo de produção capitalista**

O capitalismo é um sistema dinâmico e totalizador que está em constante processo de expansão e acumulação. Mas esse dinamismo totalizador é responsável por uma perda total do controle sobre os processos de tomada de decisões. Essa perda de controle vai desde um simples trabalhador assalariado, até aos capitalistas mais ricos. Esses dois agentes têm que obedecer, de formas diferentes, os imperativos objetivos de todo o sistema, senão, sofrerão “punições”.

Por ser tão dinâmico já passou por vários ciclos, ciclos de expansão e de crise. As crises vivenciadas, após o fim de cada ciclo de expansão, são geradas por seu modo de produção. Para sair destas crises cria mecanismos para superá-las, conforme indica Mészáros (2002 p.100).

(...) o capital jamais se submeteu a controle adequado duradouro ou a uma auto-restrição racional. Ele só era compatível com ajustes limitados e, mesmo esses, apenas enquanto pudesse prosseguir, sob uma ou outra forma, a dinâmica de auto-expansão e o processo de acumulação. Tais ajustes consistiam em contornar os obstáculos e resistências encontrados, sempre que ele fosse incapaz de demoli-los.

Como nos mostra o autor, os ajustes criados pelo capital para saída de suas crises são apenas novas formas de continuidade do processo de expansão e acumulação de capital. O capitalismo tem uma extraordinária capacidade de adaptar-se a novas situações e delas retirar proveitos.

Acreditamos que a problemática ambiental seja, hoje, uma das crises do modo capitalista de produção, ou seja, sua gênese está nas relações capitalistas de produção que têm promovido um processo de espoliação e destruição da natureza. Mas essa crise é diferente das anteriores. Os perigos agora se estendem por todo o planeta, conseqüentemente, são urgentes as soluções, antes que seja tarde demais, e especialmente, severa (Mészáros,2002,p.95).

O caráter de urgência desse novo momento fez com que surgisse, desde a década de 1970, vários movimentos ambientais que buscavam alternativas à destruição ambiental. Mas o

que podemos perceber é que, as medidas voltadas para o enfrentamento da problemática ambiental, longe de estabelecer limites à produção destrutiva, revelam a tendência de transformá-la numa destruição produtiva, visto que as alternativas criadas pelo capital são novas formas de acumulação de capital (Mészáros, 2002,p.267).

As novas demandas para a continuidade de acumulação, incluindo a ambiental, fizeram com que o sistema capitalista passasse por um processo de reestruturação produtiva, iniciado nos anos 1970, que revelam particularidades. Os mecanismos utilizados pelo capital nesta nova fase são a constituição de novas formas de trabalho abstrato, repetindo, assim, seu modo de re-produção.

Essas novas transformações em curso não modificam sua essência, pois estão marcadas por um processo de flexibilização: da produção, simbolizado pela (des) concentração industrial que busca locais mais atrativos para instalação de plantas industriais; da mão-de-obra criando e incorporando novas formas de trabalho como a terceirização, o trabalho parcial, trabalhadores autônomos e cooperativados, retirando ou limitando sua responsabilidade como empregador, como, também, a flexibilização da mercadoria, com o “fetichismo da mercadoria”, através de constantes inovações e personalização, buscando sempre estimular o consumo.

O processo de flexibilização munuiu o capital com novas formas de maximizar os lucros, com novas formas de exploração, intensificando a extração de mais valia configurada nas relações informais de produção, com a ampliação do domínio do trabalho abstrato. Essas novas tendências foram muito bem resumidas por Mota (2002,p.14):

Este processo se realiza num contexto marcado pela globalização da produção e dos mercados que define socialmente o processo de produção de mercadoria e redesenha a divisão internacional do trabalho. A estes se alia a reestruturação industrial impulsionada pela necessidade de reduzir os custos de produção, seja pelo aumento do trabalho morto, através do uso da ciência e tecnologia, seja pela utilização de novos equipamentos e materiais, ou ainda, pela reorganização dos processos de produção.

Na reorganização do processo de produção podemos destacar a atuação das indústrias de reciclagem. Elas otimizam a substituição de matérias primas, a redução do consumo de energia e integram ao processo de produção industrial, sem pagar por ele, o trabalho do trabalhador autônomo ou cooperativado que trabalha na catação de materiais recicláveis (Mota,2002,p.15). A indústria de reciclagem torna real uma iniciativa marcada pelas contradições da produção destrutiva, transformando em matéria-prima, e obtendo lucro, de um dos grande símbolos dos problemas ambientais na atualidade: o lixo urbano.

O processo de ampliação dessas indústrias ocorre por causa da limitação de oferta de matéria prima , energia etc, ou pelas seqüelas produzidas pela utilização de tecnologias com alta produção de resíduos e poluentes, mas, também, pela ampliação das pressões políticas, principalmente através de movimentos ambientais, para um maior controle ambiental, principalmente sobre a utilização de matéria-prima virgem, consumo de energia e poluição.

Por isso, no âmbito da concorrência capitalista, a relação entre produção e meio ambiente passa a fazer parte das estratégias de competitividade, incorporando nos chamados padrões de qualidade, quesitos relacionados à chamada gestão ambiental empresarial, colocando em destaque, a noção de cidade sustentável, sendo esta, a cidade do futuro que agrega formas competitivas de concorrência e tributos ambientais.

Legitimadas por organismos internacionais e movimentos ambientais e ancoradas em normas ambientais, como as ISOs 9000 e 14000, e principalmente utilizando o discurso do Desenvolvimento Sustentável essas empresas ganham cada vez mais legitimidade perante a

sociedade. O incrível é a capacidade que o capital tem de apropriar-se de um conjunto de situações que era obstáculo para seu crescimento e transformá-lo em acumulação de riqueza.

As indústrias de reciclagem ocupam o topo da uma cadeia que aqui denominaremos de cadeia produtiva da reciclagem, que é composta por três agentes: os catadores, os atravessadores, e as indústrias. Esta cadeia irá se comportar de formas diferentes de acordo com o espaço em que ocorra. O espaço será determinante da forma de ocorrência da cadeia.

O processo de reciclagem de lixo existe a muito tempo, mas nos últimos anos seu crescimento é espetacular. Veremos adiante, como o crescimento das indústrias e, conseqüentemente, a valorização do material reciclável provocou o crescimento de toda a cadeia, causando profundas transformações no entorno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.

### **Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho e seu entorno**

A cidade do Rio de Janeiro sempre teve problemas com o lixo gerado por sua população. Com o crescimento populacional e a expansão da Cidade, a produção de lixo aumentou e sua disposição<sup>3</sup> final tornou-se cada vez mais problemática. Na cidade já foram utilizadas várias formas de disposição final de lixo como: lançamento direto ao mar e lagoas, lixões, incineradores e aterro. Todos os locais oficiais utilizados para disposição final de lixo, sempre seguiram uma lógica: o distanciamento do aglomerado urbano e sua localização em áreas periféricas da cidade.

Atualmente, a cidade do Rio de Janeiro despeja seu lixo em Aterros controlados<sup>4</sup>. Existem dois aterros sobre sua administração: o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, doravante por nós identificado por (AMJG), localizado no município de Duque de Caxias e o Aterro de Gericinó, na zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. A maior parte do lixo produzido pela Cidade segue para o primeiro aterro, ficando o segundo, com menos de 25% do lixo produzido.

Segundo Pinto (2004, p.6), o AMJG foi criado a partir de um convênio formado, em 1976, entre a FUNDREM-RJ<sup>5</sup>, a Companhia de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro (COMLURB) e a Prefeitura Municipal de Nilópolis. Iniciando suas atividades em 1978, incluiu, posteriormente, os municípios de Nova Iguaçu e São João de Meriti. Localizado no KM 4, na BR-116 da Rodovia Washington Luís (Rio-Petrópolis), bairro de Jardim Gramacho, no município de Duque de Caxias, às margens da Baía de Guanabara, numa área que abrigava 1.000.000 metros quadrados de manguezal. No total a área ocupada pelo aterro compreende 1,3 milhão de metros quadrados. Atualmente, está 36 metros acima do nível do mar e em 28 anos de operação, tem acumulado 100 milhões de toneladas de lixo. Recebe 85% das 270 mil toneladas mensais de resíduos produzidos pela população da cidade do Rio de Janeiro, como, também, o lixo dos municípios de Duque de Caxias, Nilópolis, São João de Meriti, Mesquita e Queimados. O aterro é administrado pela COMLURB e a manutenção técnica fica a cargo da Empresa S. A Paulista. (Rohem,2004,p.48).

---

<sup>3</sup> segundo dicionário Houaiss essa palavra significa ato ou efeito de dispor, distribuição e arranjo.

<sup>4</sup> Existem dois tipos de aterro: o sanitário e o controlado. O aterro sanitário tem projeto de engenharia adequado e deve apresentar: impermeabilização de fundo, sistema de drenagem e tratamento de chorume, sistema de drenagem e tratamento de gases, e recobrimento diário do lixo compactado. PROSAB(1999,p.18) Já o aterro controlado ele não tem todos estes cuidados e sua característica principal é a presença de catadores trabalhando em seu interior.

<sup>5</sup> FUNDREM (Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana do Rio de Janeiro) órgão governamental criado em 1975 e tinha como objetivo administrar os problemas comuns as Regiões Metropolitanas. Foi extinto no Rio de Janeiro na década de 1990.

Até meados da década de 1990, o local onde hoje é o AMJG era um lixão, sem o menor controle ambiental ou de entrada e saída de catadores. Somente em 1995, a COMLURB inicia um projeto de recuperação da área e de transformação do lixão em aterro controlado. Neste período, foi feito o controle dos catadores e dos depósitos (que são os intermediários), onde a COMLURB organizou, em parte, a presença destes agentes no aterro.

O aterro é um espaço dinâmico, com a entrada e saída de caminhões 24 horas por dia, com catadores trabalhando também durante todo este período. Existem, atualmente, duas praças oficiais de vazamento<sup>6</sup>, que são denominadas, pelos catadores, de “rampa”. Em uma das praças vazam somente caminhões pequenos e caminhões compactadores, a “rampinha”. A outra, é a rampa central ou “rampão”, nela sendo vazadas as carretas, conseqüentemente, a área de maior porte. Podemos observar que, é no “rampão” que se tem o maior número de catadores e, também, onde o serviço é mais perigoso. Essas rampas têm uma peculiar característica que é a sua mobilidade devido à saturação do local de despejo, sendo a área coberta por argila e, uma nova “rampa” sendo criada, “concebida”.

Todo, o material coletado dentro do aterro é colocado em bombonas e, posteriormente, despejados nas lonas<sup>7</sup>. Os caminhões dos depósitos levam os catadores até o local de vazamento, ou seja, para as rampas e, depois os traz de volta, para fora do aterro, com o material catado. Assim, basicamente, o trabalho feito por todos os catadores. Contudo, no momento da comercialização, que ocorre no seu entorno, é onde se apresentam diferenças entre os catadores. Essas, por sua vez, foram estabelecidas pela própria COMLURB. O quadro abaixo, nos mostra, de forma sintética, o papel de cada um na cadeia produtiva.

Quadro 1

Agentes do entorno do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho

Agentes		Características gerais
Catadores	<p><b>Cooperativados</b><sup>8</sup></p> <p><b>Prócooperativados:</b> catadores cadastrados independentes, são mais antigos, utilizam jaleco azul, o que lhes permite vender para qualquer depósito, porque o jaleco é seu, e não do depósito. Trabalham na frente de vazamento, com pouco ou nenhuma segurança.</p> <p><b>Catadores de depósitos:</b> são catadores vinculados aos depósitos. Os depósitos são identificados através do jaleco amarelo utilizado pelos catadores que recebem uma numeração, de acordo com o depósito para o qual trabalha. Os depósitos são donos dos coletes. Os catadores, que chegaram ao aterro após o cadastramento, em 1996, precisam ir a algum depósito para poder trabalhar na rampa, após o dia de serviço o jaleco volta para o depósito. Dessa forma, o catador estará ligado ao depósito que lhe deu o jaleco e só para ele pode vender. Esses catadores trabalham na frente de vazamento com pouca ou nenhuma proteção.</p>	<p>Seu papel na cadeia produtiva da reciclagem, que se desenvolve no entorno do aterro, é catar o material reciclável, dentro do aterro, na frente de vazamento, e do lado de fora comercializá-lo com um depósito.</p>

<sup>6</sup> Os catadores que trabalham nessas praças, ou seja, que trabalham diretamente com o lixo são chamados de catadores da frente de vazamento.

<sup>7</sup> Lona são sacos de estopa de diferentes tamanhos onde o material coletado é colocado.

<sup>8</sup> Este grupo está inserido em uma outra dinâmica, eles não trabalham na frente de vazamento, por isso eles não serão nosso objeto de preocupação. Mas queremos deixar claro que não é por estarem organizados em cooperativas que não são explorados, pois são tão explorados quando os catadores autônomos.

<p><b>Depósitos</b> ( são os intermediários)</p>	<p><b>Grande porte:</b> Depósitos com maior capacidade de compra e beneficiamento de materiais. Possuem catadores trabalhando para eles, mas seus maiores fornecedores são os depósitos de pequeno e médio portes. Vendem diretamente para as indústrias e seguem os preços e normas de beneficiamento impostas por elas. Por outro lado, também têm poder de impor regras a comercialização com aos demais depósitos.</p> <p><b>Médio porte:</b> capacidade de compra menor, trabalham diretamente com os catadores. Seus depósitos são maiores e podem ter mais catadores e funcionários fixos, além de possuírem prensas<sup>9</sup>.</p> <p><b>Pequenos porte:</b> possuem pequeno espaço físico, muitos sendo até no quintal de suas residências, ou em carroças. Compram de catadores (inclusive catadores de rua) e vendem para os depósitos de grande porte.</p>	<p>Compram o material dos catadores, dependendo de sua capacidade, fazem algum tipo de beneficiamento, prensa, flocam ou lavam o material e revendem para as indústrias.</p> <p>No AMJG são os depósitos de grande porte que impõem as regras para comercialização.</p>
--	--	---

A valorização do material reciclável fez com que a cadeia produtiva da reciclagem no entorno do AMJG ficasse mais complexa. Esta atividade acaba por ser geradora de outras atividades. Uma oferta de material tão abundante, além de outros fatores, fez surgir um grande número de catadores e, conseqüentemente, moradores para o bairro. Os relatórios da COMLURB ( 1993,p.7) descrevem como era a região antes da chegada do aterro:

Na ocasião de implantação do aterro de Gramacho (1978) a região era esparsamente habitada por habitações convencionais de famílias de baixa e média renda, ocupando terrenos de dimensões médias, além de algumas pequenas e médias indústrias.

Hoje, a paisagem do bairro é completamente diferente. Ao longo de quase três décadas consolidou-se, no entorno do aterro, uma economia voltada para a catação, comercialização e recuperação de materiais oriundos do lixo. Além da duplicação do número de moradores, quase todos estão envolvidos em atividades com o material reciclável<sup>10</sup>, conforme nos indica Pinto(2004,p.7):.

A população residente no bairro ou na circunvizinhança, via de regra fora do mercado formal e/ou desempregados, ocupa neste mercado as funções de catador (dentro ou fora do aterro), separador, pesagem, comprador, empregados fixos nos depósitos, caminhoneiros, donos de depósitos, criador de porcos alimentados com dejetos de restaurantes, donos de biroschas, entre outras.

O fluxo constante de caminhões, tanto dos depósitos quanto das companhias de Limpeza Urbana transformam o local em um cenário insalubre, além de causarem muito mau cheiro. As ruas ficam muito sujas, repletas de lixo, alguns depósitos fazem o corte de materiais nas calçadas, vários deles são a céu aberto, contaminando o solo.

A instalação do aterro transformou o bairro por completo, deteriorando as condições de vida da população, tanto dos moradores das áreas legalizadas, mas, principalmente, dos moradores das áreas invadidas. Essa população pobre que reside próximo ao aterro, além de trabalhar em condições precárias, mora em condições insalubres. Muitos catadores foram

<sup>9</sup> Prensa\_ máquina que condiciona e prensa o material, criando fardos, o que tem maior valor agregado na comercialização.

<sup>10</sup> Dos 20.000 moradores do bairro de Jardim Gramacho, 60% vivem direta ou indiretamente da atividade de catar material reciclável. (Rohem ,2004,p.54)

morar em Jardim Gramacho para ficarem próximo ao local de trabalho, processo comum que se observa no crescimento de qualquer cidade capitalista. As casas nas áreas invadidas são feitas de madeira e papelão, sobre a área de mangue aterrada, sendo, portanto, freqüentemente, enlameadas em função da ocorrência de chuvas.

O crescimento do bairro pode ser analisado pelo aumento do número de catadores. Em 1996, quando a COMLURB fez o cadastramento dos catadores, foram cadastrados 960 catadores. No relatório de Pinto (2004,p.9) foram registrados 1558 catadores<sup>11</sup>, um aumento de cerca de 80%. Estes dados são de catadores que trabalham dentro do aterro, existindo, porém, catadores trabalhando nos lixões clandestinos no entorno do aterro.

Com isso, podemos constatar mais um paradoxo da reciclagem no entorno do AMJG. Por um lado, a catação de material reciclável e todas as outras atividades, em torno deste material, já mencionado anteriormente por Pinto, é responsável pela geração de vários empregos e, conseqüentemente, pelo sustento de várias famílias. Estimasse que cerca de 20 mil pessoas dependam desta atividade direta ou indiretamente. Mas, por outro lado, os moradores e trabalhadores vivem em condições insalubres e desumanas, estando vulneráveis as mais diferentes violências e doenças.

Esta contradição pode ser percebida no relatório de Pinto (2004) quando os entrevistados são indagados sobre os principais problemas locais e poucos foram os que disseram que o aterro não trás problemas, mas todos ressaltaram que a presença do aterro é boa porque gera trabalho. Embora o aterro seja um gerador de trabalho, condições de sobrevivência essas pessoas não são capazes de reconhecer as terríveis ameaças aos quais vivem, conforme aponta a autora (idem, p.11e12)

Doenças, como problemas alérgicos, respiratórios, hanseníase e escabiose. Mau cheiro, muita sujeira, devido à circulação dos caminhões, que deixam lixo e chorume pelas ruas e dão carona para as crianças. Falta de saneamento. Violência. Existência de depósitos clandestinos que usam mão de obra infantil. Presença de adolescentes na catação do aterro durante a noite e prostituição infanto-juvenil nas proximidades e dentro do aterro.

Existe uma certa organização espacial dos depósitos no entorno do AMJG. Os depósitos que ficam próximos ao aterro, nas áreas invadidas, são uma espécie de “pode tudo”. Pois não tem cobertura e não tem delimitação, ou seja, não tem galpão, constituindo uma área aberta. Trabalham com qualquer material, inclusive o plástico fino, material que atrai muita mosca e tem grande mau cheiro. Nestas áreas as ruas são uma espécie de extensão dos depósitos, pois nelas, fazem corte de materiais e deixam material jogado.

À medida que os depósitos vão se afastando da entrada do aterro, e se aproximando das áreas legalizadas, são cercados por muros, mas nem todos são cobertos, não trabalham com plástico fino e não fazem corte de material nas calçadas. Isto não significa que estas áreas não fiquem com as calçadas e ruas sujas e com a presença de lixo que caem dos caminhões.

No AMJG quem impõe as regras de comercialização são os depósitos, principalmente os de grande porte. Os catadores do aterro, sejam os Prócooperativados ou os Catadores de depósito, são obrigados a seguirem as regras e preços estabelecidos por eles, que por sua vez, foram estabelecidos pelas indústrias. Nas entrevistas realizadas<sup>12</sup> e no

---

<sup>11</sup> O relatório deixa claro que este número não é exato porque é difícil ter controle, principalmente, dos catadores que só trabalham no turno da noite. O diretor da COMLURB, Jose Henrique Penido acredita que tenha em torno de 3 mil catadores, por que muitos entram no aterro pelo Mangue. O'cas,2005, p.15

<sup>12</sup> Para a formulação deste artigo e da futura monografia já forma realizadas várias entrevista, durante os trabalhos de campo, com a finalidade de compreendermos o funcionamento do aterro. O ultimo trabalho de campo foi realizado em Outubro de 2005

relatório de Pinto (2004), podemos constatar que, há várias divergências e problemas na hora da comercialização. Tanto problemas causados pelos catadores, quando alguns dão um “jeitinho” de a lona pesar mais, quanto com os depósitos, cobrando muito barato pelo material, pagando atrasado ou diminuindo o preço do material em dia de chuva, alegando que material molhado é mais pesado.

Os preços pagos pelos depósitos são baixos, até porque eles são os primeiros intermediários, pois terão outros até chegar à indústria, e todos na cadeia precisam lucrar. Comparamos os preços pagos por um depósito de médio porte localizado no entorno do AMJG com os preços retirados de uma tabela feita pelo Informativo do Catador<sup>13</sup>, que também fizeram uma tabela de preços dos materiais recicláveis pagos por diferentes cooperativas. Em Gramacho, o Kg do PET equivale a R\$ 0,10, enquanto que o preço na tabela é de R\$ 0,75. O papel de arquivo, em Jardim Gramacho, custa R\$ 0,10, enquanto na tabela, o preço médio é R\$ 0,33. Esses valores ficam muito maiores quando analisamos os preços pagos pelas indústrias, mas estas só trabalham com toneladas, o que impede que os catadores façam negócio diretamente com as indústrias.

No entorno do aterro foi criada uma rede de comercialização através dos depósitos, na qual os catadores, sem condições de transportarem seu material para um local onde conseguissem melhores preços, ficam a dispor da exploração destes estabelecimentos, que também são, de certa forma, parceiros das indústrias, e os responsáveis diretos pela exploração dos catadores do AMJG.

Pelos preços praticados podemos constatar que a catação acaba sendo somente uma fonte de sustento, quando os catadores não conseguem retirar além de uma renda necessária para sua sobrevivência, por sinal, uma renda extremamente, baixa, em função da atividade exaustiva que exercem.

Há pessoas lucrando, senão a atividade de reciclagem não teria tomado essas proporções; certamente não são os catadores. Podemos destacar, como os maiores beneficiários da atividade de reciclagem no entorno do aterro, os depósitos e as indústrias, mesmo estas não estando fisicamente no entorno do AMJG.

## **Conclusão**

Não há dúvidas que os maiores beneficiados com a reciclagem são as indústrias mas elas não estão sozinhas nesse processo. Queremos destacar, também, como os intermediários acumulam capital com o trabalho dos catadores. Magera (2003,p.41) define bem o papel desse agente e sua parceria com as indústrias.

Hoje, o setor industrial é o maior beneficiado da reciclagem do lixo promovida pelos catadores e cooperativas de lixo no Brasil. É através do sucateiro, seu intermediário e “comparsa” que as indústrias ficam com maior valor primário extraído dos catadores de lixo.

Como já dito anteriormente, existem diferentes depósitos em Jardim Gramacho. Estes funcionam quase como empresas capitalistas, possuem capital para investimentos em caminhões, balanças, prensas, e para pagar aos funcionários e os catadores. Eles também cumprem exigências das indústrias quanto à separação e beneficiamento do material.

---

<sup>13</sup> Informativo do Catador é um jornal feito pela Rede independente de catadores de materiais recicláveis (RICAMARE) que tem como objetivo informar aos catadores e cooperativas do Rio de Janeiro tudo que está acontecendo no Movimento Nacional Catadores de Material Reciclável, nas cooperativas e no mercado de recicláveis de todo o país. ( Informativo do Catador, 2005,n 8)

È incrível a acumulação de capital e o rápido crescimento destes depósitos. Entrevistando um dono de depósito, que estava em funcionamento a apenas três anos e já tinha: um galpão de cerca de 30 metros quadrados, seis funcionários fixo, dez catadores, balança pequena, dois caminhões e uma prensa. Mesmo sendo somente um intermediário a capacidade de acumulação de capital é muito grande, mostrando-nos, portanto, que também se beneficiam da exploração da mão-de-obra do catador.

Existem grandes depósitos que possuem depósitos espalhados por todo bairro de Jardim Gramacho e o Estado do Rio de Janeiro, como o Fariapet, o que nos mostra quanto esta atividade é lucrativa e também, que o objetivo reciclagem é tão, somente, acumulação de capital, e não, preocupação ambiental, como demonstra Rohen (2004,p.20)

O discurso oficial em defesa do meio ambiente, posto em evidência na opinião pública, e que vem nutrindo o imaginário da população, esconde os reais e mais importantes interesses do capital, que são a garantia e obtenção do lucro e da mais valia, através das questões ambientais e produção e comércio de materiais recicláveis pelas indústrias de reciclagem. Na realidade, as questões referentes à preservação do meio ambiente têm-se tornado um objeto mercantil

Sendo meio ambiente um objeto mercantil, como nos alerta Ronhem, não há preocupação com as conseqüências da reciclagem. As péssimas condições ambientais que a atividade de reciclagem está deixando no entorno do AMJG contribui para concluirmos que o desenvolvimento do processo de reciclagem não veio para diminuir a degradação ambiental. O que tem causado é o surgimento de novas formas de degradação ambiental e humana.

No entorno do AMJG existem vários depósitos a céu aberto. Nestes o material reciclável fica exposto ao tempo, contaminando o lençol freático, até serem separados e revendidos. Às vezes, tem material catado que não é vendido, por estar em péssimas condições ou com preços baixos demais. Esses materiais não voltam para o aterro, permanecendo no depósito, e podendo, até, entrar em combustão, queimando todo o material. Se por um caso as atividades daquele depósito acabarem, o material permanece no mesmo local. Essas atitudes fazem com que a área próxima, ao aterro tenha o aspecto de um grande lixão.

Se a reciclagem de material, por um lado, diminui a utilização de energia, água e retirada de matéria-prima virgem, ocasionando causa por outro lado, contaminação de lençol freático e dos rios, poluição do ar, e inúmeras doenças à população. Parece que colocando ganhos e prejuízos teremos, no mínimo, uma conta de soma zero, para não dizer negativa.

Então, podemos concluir que a reciclagem é uma alternativa, uma alternativa para a continuidade da acumulação de capital para as grandes empresas, mas uma nova forma de opressão e degradação da natureza e da população trabalhadora.

### **Referências Bibliográficas**

**COMLURB. Projeto de recuperação do aterro Metropolitano de Gramacho.** Rio de Janeiro: COMLURB,1993

**CONCEIÇÃO, M. M. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das Cooperativas de reciclagem de lixo.** Campinas, SP: Ed. Átomo,2003.

**INFORMATIVO DO CATADOR.** Rio de Janeiro:RICAMARE, 8ªed, Julho, Agosto e Setembro, 2005

**MONTEIRO, J. H. P. (et al.) Manual de Gerenciamento Integrado de resíduos sólidos.** Rio de Janeiro: IBAM, 2001.

**MESZÁROS, I. Para além do capital.** São Paulo: Ed Boitempo,2002

**MOTA, A E. Entre a rua e a fábrica: Reciclagem e trabalho precário. Temporalis.** Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Brasília: ABEPSS, Grafine Ano 3,n6, p.9-22 , 2ºsem,2002

**PINTO, L. L. Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho: Propostas e alternativas.** Rio de Janeiro : COMLURB, Relatório da S.A. Paulista, 2004

**Revista Ocas”.** Rio de Janeiro, n.38, Setembro,2005

**ROHEN, A C. R. Enchendo e esvaziando lona para sobreviver: o cotidiano de catadores de lixo.** Rio de Janeiro: PUC-Rio Dissertação (mestrado). Departamento de Serviço Social,2004.